

# REVISTA CulturAçores de CULTURA

**A Comunicação  
na Cultura**  
Estratégias, ações  
e exemplos

**Jornadas Anterianas**  
*Antero Hoje*

**Novo Museu  
Francisco de Lacerda**  
De complexo  
industrial a cultural

**A Imagem Paradoxal**  
Francisco Afonso Chaves



julho-dezembro-2017  
N.º 7



# CulturAçores Revista de Cultura

N.º 7 julho - dezembro 2017  
Publicação semestral

## Título

CulturAçores – Revista de Cultura

## Propriedade

Secretaria Regional da Educação e Cultura

Direção Regional da Cultura

## Edição

Direção Regional da Cultura

Palacete Silveira e Paulo

Rua da Conceição

9700-054 Angra do Heroísmo

Terceira - Açores

Tel.: 295 403 000 Fax: 295 403 001

Internet: [www.culturacores.azores.gov.pt](http://www.culturacores.azores.gov.pt)

## Diretor

Nuno Ribeiro Lopes

## Coordenação Editorial/Design

Humberta Augusto | Direção Regional da Cultura

## Revisão

Direção Regional da Cultura

## Impressão

Coingra – Companhia Gráfica dos Açores, Lda.

Depósito Legal: 387596/15

ISSN: 2183-4164

Tiragem: 1.200 exemplares

Preço: 12,00€

Todos os direitos reservados.

O conteúdo desta publicação não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, sem a expressa autorização do editor.



AVES  
BIRDS

PEIXES  
FISHES

MAMÍFEROS  
MAMMALS

Capa:  
Núcleo de Santo André, Museu Carlos Machado  
(Foto: António Pacheco | MCM).



Em São Miguel (1769 a 1839)

# A arquitetura e o jardim dos estrangeiros

Yankee Hall nas Furnas, de acordo com uma gravura publicada no segundo volume da obra *A Winter in the Azores; and Summer at the baths of the Furnas*, dos irmãos Bullar.

Texto: **António Francisco Cota Fevereiro** | Investigador no Instituto de História da Arte | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Na segunda metade do século XVIII instalou-se uma comunidade de estrangeiros na ilha de São Miguel, a qual difundiu em Portugal conceitos espaciais e paisagísticos inovadores, materializados em habitações e jardins, onde a cultura portuguesa foi notavelmente integrada.

**A** comunhão com a Natureza e a paisagem envolvente dos jardins chineses foram parte das fontes de inspiração para os jardins à inglesa. Este tipo de jardim desenvolveu-se no Reino Unido no século XVIII e personifica um ideal de Natureza, que se caracteriza pela presença de um lago, de relvados e de arvoredos, complementado por pontes, por construções rústicas, por recriações de templos ao gosto clássico e ruínas góticas, entre outras particularidades, enfatizando assim um certo gosto pitoresco e campestre idealizado<sup>1</sup>.

Esta tendência espalhou-se gradualmente pela Europa, substituindo a simetria e o formalismo do jardim à francesa. Este tipo de jardim entra em declínio a favor de uma maior aproximação à Natureza, influenciada também pela obra do filósofo Jean-Jacques Rousseau. Um dos seus patronos foi René Louis de Girardin, Marquês de Vauvray, que transformou a sua propriedade em Ermenonville nos ideais de ambos. Este jardim foi influente para a criação de outros, nomeadamente um no Castelo de Chantilly e que pertencia a Louis Joseph de Bourbon, Príncipe de Condé. O jardim foi

*La sagesse a beau parler par votre bouche, la voix de la nature est la plus forte.*

(Rousseau, *Julie, ou la Nouvelle Héloïse*)

*Je vous ai déjà prévenu que le principe fondamental de la nature, ainsi que l'effet pittoresque, consiste dans l'unité de l'ensemble et la liaison des rapports.*

(Girardin, *De la Composition des Paysages: Ou Des Moyens d'Embellir la Nature Autour des Habitations, en Joignant l'Agréable à l'Utile*)

complementado, em 1774, por sete construções rústicas, desenhadas pelo arquiteto Jean-François Leroy. Cada construção tinha uma determinada função para lazer, tendo ficado conhecida como *Hameau de Chantilly*. Este projeto foi determinante para a criação do famoso *Hameau de la Reine*, inserido num *jardin anglo-chinois* em Versalhes. Este conjunto foi projetado pelo arquiteto Richard Mique e pelo pintor Hubert Robert e foi construído em 1783 para a Rainha de França Maria Antonieta. A ideia é a recriação de uma pequena aldeia com construções de apoio agrícola, de lazer e de habitar<sup>2</sup>. Este projeto e o gosto pela vida campestre, embora sofisticado, foi apreciado pela classe dirigente. Esta simplicidade estendeu-se à arquitetura, à decoração de interiores, ao vestuário e às peças de uso quotidiano, entre outras, tendo sido seguida pela burguesia emergente.

Os primeiros registos desta tendência em Portugal apareceram através de Thomas Hickling (1745-1834). Este americano fixou-se em 1769 na Ilha de São Miguel, Açores, onde se dedicou ao comércio de citrinos e onde foi cônsul dos Estados Unidos da América. A primeira habitação que teve foi na cidade de Ponta Delgada, a qual foi construída de acordo com um clima quente<sup>3</sup>.

No ano de 1770 Thomas Hickling desloca-se às Furnas, nessa altura uma pequena aldeia num vale. A paisagem envolvente luxuriante e as caldeiras vulcânicas constituem um conjunto único no mundo. Toda esta beleza da Natureza deverá ter sido relevante para Thomas Hickling adquirir uma propriedade em 1782. Nela mandou construir uma casa de campo, por volta de

1785, a que deu o nome de *Yankee Hall*<sup>4</sup>. No ano de 1786 a filha Catherine Greene Hickling visita o Vale das Furnas, ficando encantada com a *pitoresca paisagem*, e descreve a propriedade no seu diário. Da entrada parte uma alameda, sombreada pelo entrelaçar das árvores, para um tanque e para uma pequena ilha. Na altura tinha um chorão e estava unida à margem por uma ponte em pedra. Na margem parte uma escadaria para o promontório onde foi construída a casa. Esta tinha um grande *hall* central<sup>5</sup> e quatro quartos nas extremidades. O desenho arquitetónico tinha influências da arquitetura vernacular micaelense, nomeadamente a singeleza dos vãos, e tinha um telhado em colmo. A cozinha e os alojamentos dos criados ficavam num anexo independente<sup>6</sup>.

A fachada principal tinha uma porta ladeada por duas janelas, o que revela um gosto pela simetria. A inclusão do *hall*, espaço de convívio e de circulação, remete-nos para as casas de campo medievais inglesas<sup>7</sup>. Este espaço de estar era complementado pela envolvente paisagística, visto a casa ter sido construída no promontório, criando assim uma unidade indissociável. É esta particularidade que fazia do *Yankee Hall* um dos primeiros exemplares do *English Picturesque* em Portugal<sup>8</sup>.

O anexo com a cozinha tinha como finalidade separar esta última da habitação, visto o telhado ser em colmo. Evitava assim o calor no interior e mantinha uma certa privacidade para o seu proprietário. Estes anexos com determinada função eram comuns nas plantações sulistas americanas<sup>9</sup>.



À esquerda: Casa, Jardim e Quinta Scholtz na Arquinha, antes das obras de reabilitação (Foto do autor, 2006); à direita: Vista do jardim na Casa Scholtz na Arquinha, princípio do século XX e talvez fotografado pelo pintor Domingos Rebelo (Foto gentilmente cedida pelo neto Jorge Rebelo).

A pequena ilha com o chorão, a ponte e o seu enquadramento evidenciavam um certo gosto pelas culturas chinesa e inglesa.

Esta casa de campo foi das primeiras a distanciar-se da orla costeira e da proximidade dos núcleos urbanos, onde geralmente os portugueses tinham as suas<sup>10</sup>. Todavia, em 1802, Thomas Hickling mandou construir uma segunda casa de campo, cujos operários e mestres foram americanos, denominada por Casa da Glória<sup>11</sup>. Foi erigida no Livramento, lugar próximo de Ponta Delgada, e no limite do lote para a estrada. A fachada tem um desenho arquitetónico requintado e os cunhais da fachada principal, assim como os dos portões laterais, têm a pedra recortada. As fachadas laterais seguem a mesma linguagem, mas a fachada tardoz tem um volume semicircular. Este tem um desenho arquitetónico sóbrio, uma varanda circular e uma escadaria no eixo central para o jardim. Neste volume estava a sala de jantar, com as suas portas/janelas para a varanda. Desta forma o interior dialogava harmoniosamente com o exterior. A forma e o desenho deste volume, assim como a relação com o jardim, são inspirados na arquitetura classicista inglesa e americana da mesma época.

No andar nobre, e para a fachada principal, havia três salas numa *enfilade*, de-

nominadas por: Sala Verde, Sala Creme e Sala Azul<sup>12</sup>, o que revela o gosto burguês pelo conforto e a afirmação social.

Na segunda metade do século XVIII intensificam-se a exportação de citrinos e as trocas comerciais. A maioria dos mercados estrangeiros era inglesa<sup>13</sup>. A Prússia também vincava a sua presença através do seu cidadão João Carlos Scholtz (1741-1823), que chegou a São Miguel com 33 anos de idade. Na ilha dedicou-se ao comércio de citrinos e à botânica. Foi cônsul da Prússia, da Rússia, da Holanda e da Dinamarca, países com os quais também tinha relações comerciais.

Uma das primeiras residências em Ponta Delgada terá sido a Casa, Jardim e Quinta Scholtz. Foi construída na Arquinha, então limite urbano da cidade, no último quartel do século XVIII. Verifica-se que, ao contrário dos proprietários portugueses, que invariavelmente preferiam edificar a sua morada de casas junto aos arruamentos, aqui a habitação encontra-se recuada e resguardada, assegurando assim uma certa privacidade, tão ao gosto germânico. A moradia foi construída no promontório, tem um desenho arquitetónico elegante e três pisos. É formada por um corpo principal, com portas/janelas e varandas, ladeado por outros dois, sugerindo simetria e verticalidade. No último piso avista-se a cidade



À esquerda: Laranjal que ainda mantém as paredes em pedra e abrigueiros, como era no século XVIII e no século XIX, na Fazenda das Socas; à direita: Mirante com traços arquitetónicos classicistas para vigia dos navios no Pico de João Carlos, Fazenda das Socas (Fotos do autor, 2017).

e o mar. Desta forma, podiam avistar-se os navios que chegavam à ilha, sendo este o sinal para se começar a apanha dos citrinos, para serem rapidamente embarcados para os portos de destino. No eixo central da casa estava disposto o jardim, circundando-a como um todo inseparável. O jardim foi construído em patamares, com canteiros geométricos, um tanque com um certo gosto mediterrânico. Neste havia grande variedade de plantas, de flores e de palmeiras. Esta propriedade teve um papel fundamental na aclimação de (...) *differentes arvores exóticas, propriíssimas para servirem de abrigo às laranjeiras, entre as quaes se nota o Laurus camphora, que hoje he assaz commum na ilha, e cujo primeiro tronco se conserva na quinta, que o mesmo Scholtz, possuia junto da Cidade, e que hoje habita a sua Viuva*<sup>14</sup>.

Fora da cidade de Ponta Delgada teve a Fazenda das Socas, no lugar com o mesmo nome da freguesia do Rosário, Lagoa. Nesta propriedade há um Pico com um mirante, com uma excelente vista<sup>15</sup>, e foi descrito pela americana Caroline Pomeroy<sup>16</sup> como (...) *bonito por ser mais natural. Neste, os caminhos são feitos para acomodar as árvores e estas não se cortam para os endireitar. Não tem nada de artificial e é tudo encantador e romântico*<sup>17</sup>. Nesta propriedade foram introduzidas... *as melhores flores da Europa, árvores de boa madeira,*

*bem como outras plantas, ainda não existentes nas outras ilhas*<sup>18</sup>.

No princípio do século XIX João Carlos Scholtz importou uma quantidade considerável de materiais de construção, de tecidos, de mobiliário, de serviços de mesa e de outros objetos decorativos e utilitários. Estes vieram do Norte da Europa, dos Estados Unidos da América e do Brasil<sup>19</sup>. Tal parece indicar a construção ou a alteração de um imóvel<sup>20</sup>. Efetivamente a comunidade estrangeira, estabelecida nas ilhas dos Açores, estava bem informada das últimas novidades em artigos domésticos. Por exemplo a *Ivens & Burnett*, em 1814, importou um candeeiro para estudo<sup>21</sup>. Este tipo de candeeiros aparecera em França poucos anos antes<sup>22</sup>.

Na mesma época instalou-se o inglês William Harding Read (1775-1839) em Ponta Delgada. Foi cônsul da Grã-Bretanha nesta cidade e mandou construir uma habitação, num lote urbano já consolidado. O desenho arquitetónico exterior tem maior expressividade no piso térreo, nomeadamente as cantarias. A bandeira da porta principal tem um sofisticado desenho em madeira, que nos remete para o gosto clássico em voga no Reino Unido<sup>23</sup>. Os restantes dois pisos têm um desenho sóbrio. No último há vista sobre o mar.

Devido à exiguidade do lote, a escadaria, de construção maciça em madeira,



Pormento da bandeira de uma das portas em fole na Casa Read (Foto do autor, 2017).

é o núcleo central da habitação e único acesso vertical, privilegiando assim as relações espaciais interiores entre zonas, que seriam prejudicadas por uma escadaria de serviço. Por piso, as portas têm desenho e escala diferentes, com especial requinte para as do andar nobre, cujos embutidos e guarnições remetem para as congêneres inglesas. Neste piso há três salas para a fachada principal, unidas por portas em fole, que se podem transformar num só espaço. Esta solução foi desenvolvida pela primeira vez nos Estados Unidos da América no final

do século XVIII, mas com portas de correr<sup>24</sup>. Para a fachada tardoz há outra sala e a sala de jantar. Esta tem portas em fole, para uma das três salas citadas, e comunica com a zona da cozinha. Temos assim a separação distinta entre zonas, consoante a sua importância social no interior doméstico, inovadoramente exploradas nesta habitação. Nos restantes pisos são os aposentos privados.

São estes os relevantes contributos de um americano, de um prussiano e de um inglês, para o intercâmbio cultural e para o desenvolvimento da economia açoriana.

#### Notas

<sup>1</sup> Monique Mosser e Georges Teyssot, *The history of garden design: the Western tradition from the Renaissance to the present day*, Londres, Thames and Hudson, 1991, p. 305. Filippo Pizzoni e Judith Landry, *The garden: a history in landscape and art*, Londres, Aurum Press, 1997, pp. 162-181.

<sup>2</sup> Elizabeth Barlow Rogers, *Landscape design: a cultural and architectural history*, New York, Harry N. Abrams, 2001, pp. 251-266.

<sup>3</sup> Henrique de Aguiar Oliveira Rodrigues, *Thomas Hickling: Subsídios para uma biografia*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2010, pp. 31-33.

<sup>4</sup> Isabel Soares de Albergaria, *Quintas, Jardins e Parques da ilha de São Miguel, 1785-1885*, Lisboa, Quetzal Editores, 2000, pp. 41/42.

<sup>5</sup> Onde esteve um retrato de Thomas Hickling com a legenda: *Welcome All to the Yankee Hall* (Henrique de Aguiar Oliveira Rodrigues, *Thomas Hickling: Subsídios para uma biografia*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2010, p. 34).

<sup>6</sup> Isabel Soares de Albergaria, *Quintas, Jardins e Parques da ilha de São Miguel, 1785-1885*, Lisboa, Quetzal Editores, 2000, pp. 41/42. Henrique de Aguiar Oliveira Rodrigues, *Thomas Hickling: Subsídios para uma biografia*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2010, pp. 98/99.

<sup>7</sup> Rui Jorge Garcia Ramos, *A Casa – Arquitectura e Projecto Doméstico na Primeira Metade do Século XX Português*, Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2010 pp. 78-87.

<sup>8</sup> Este gosto pela paisagem envolvente também foi seguido pelo escritor inglês William Thomas Beckford. Em 1794 alugou a Quinta de Monserrate, em Sintra, que pertencia à família Melo e Castro. Transforma o jardim em paisagístico, envolvendo-o assim com a paisagem circundante. Também mandou fazer obras na casa de campo que era ao gosto neogótico. Esta residência foi mandada construir, por volta de 1789, pelo comerciante inglês Gerard de Visme, então residente na cidade de Lisboa, e também arrendatário da mesma família. Além da habitação fez vários melhoramentos nos jardins, contribuindo assim com ornamentações artísticas e plantas ornamentais (Anne de Stoop, *Quintas e Palácios nos Arredores de Lisboa*, Barcelos, Civilização Editores, 1986, pp. 282-290; Júlio Gil, *Os mais belos palácios de Portugal*, Lisboa, Verbo, 1996, pp. 134-141; António Nunes Pereira, "Traços do Romantismo Inglês na Serra de Sintra: A Quinta de Monserrate", in *Monserrate Revisitado A Coleção Cook em Portugal*, Lisboa, Caleidoscópio, 2017, pp. 31-41).

<sup>9</sup> Mary Gunderson, *Southern Plantation Cooking*, Mankato Minnesota, Blue Earth Books, 2000, p. 10.

Introduziram espécimes botânicos em Portugal, então desconhecidos no território, e fomentaram assim a cultura dos citrinos e o cultivo de novas espécies. Também contribuíram para o embelezamento de jardins privados, inspirados nos congê-

res europeus contemporâneos, e a relação destes com a habitação.

As habitações que mandaram erguer na ilha refletem conceitos espaciais, urbanísticos e paisagísticos dos seus países de origem, os quais estavam, na mesma al-

<sup>10</sup> Isabel Soares de Albergaria, *Quintas, Jardins e Parques da ilha de São Miguel, 1785-1885*, Lisboa, Quetzal Editores, 2000, pp. 7/8.

<sup>11</sup> Na mesma época mandou construir uma segunda residência em Ponta Delgada, a Casa de São Pedro, próxima do mar (Henrique de Aguiar Oliveira Rodrigues, *Thomas Hickling: Subsídios para uma biografia*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2010, pp. 31-33). A casa foi construída no limite do lote, com a fachada principal para o interior. O desenho arquitetónico revela também uma influência classicista, sobretudo nas dimensões e desenho dos vãos. Foi posteriormente ampliada para hotel no século XX.

<sup>12</sup> Henrique de Aguiar Oliveira Rodrigues, *Thomas Hickling: Subsídios para uma biografia*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2010, pp. 41/42.

<sup>13</sup> Sacuntala de Miranda, *O Ciclo da Laranja e os "gentleman farmers" da Ilha de S. Miguel (1780-1880)*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1989, p. 19.

<sup>14</sup> Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque e Inácio Pita de Castro Menezes, *Observações sobre a Ilha de S. Miguel: recolhidas pela comissão enviada a mesma ilha em Agosto de 1825, e regressada em Outubro de mesmo anno*, Lisboa, Impressão Regia, 1826, p. 27.

<sup>15</sup> Francisco Borges da Silva, "Notas e estatística da ilha de São Miguel – Pelo Engenheiro Francisco Borges da Silva nos princípios do século XIX", *Revista Michaelense*, Ano 3.º, Número 1, maio, Ponta Delgada, Ayres Jacome Corrêa, 1920. P. 605.

<sup>16</sup> Esteve na ilha de São Miguel no ano de 1824 com sua irmã Frances Alsop Pomeroy, seu cunhado Charles William Dabney, então residente na ilha do Faial, a irmã deste Ann Dabney e seu marido, o juiz José Maria de Avelar Brotero.

<sup>17</sup> Henrique de Aguiar Oliveira Rodrigues, *Thomas Hickling: Subsídios para uma biografia*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2010, p. 161.

<sup>18</sup> Briant Barret, *Relato da Minha Viagem aos Açores 1812-1814*, Ponta Delgada, Letras Lavadas, 2017, p. 161. Parte dos terrenos e estruturas que compunham esta propriedade já foram identificados pelo autor.

<sup>19</sup> Ricardo Manuel Madruga da Costa, *Os Açores em finais do regime de capitania geral, 1800-1820*, Tese de doutoramento em História, 3 vols., Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 2003.

<sup>20</sup> Há historiadores que defendem a tese de que João Carlos Scholtz terá arrendado ou adquirido a morada ancestral da família Machado de Faria e Maia, que fica no Largo da Matriz na cidade de Ponta Delgada. O edifício foi depois adquirido pela família Fisher e alberga, desde 1857, o *Club Micaelense* (Francisco Maria Supico, *Escavações*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1995, p. 979; Martim Machado de Faria e Maia, "Onze semanas na Ilha Terceira (15 de Janeiro a 9 de Abril de 1836)", *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, Número 16, Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira, 1959, p. 266; Margarida Vaz do Rego Machado, *Clube Micaelense – 150 Anos de História*, Ponta Delgada, Clube Micaelense, 2007, p. 36; Henrique de Aguiar Oliveira Rodrigues, *Thomas Hickling: Subsídios para uma biografia*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2010, p. 143).

Não temos ainda documentação que comprove estas afirmações. No entanto é evidente que o edifício foi bastante alterado no princípio do século XIX. A fachada tem traços claramente classicistas e cantarias de elevada qualidade. Na porta principal há elementos em pedra calcária, com delicados motivos esculpidos. Por cima da porta há uma base para se colocar um pau de bandeira. Desta base segue uma moldura, eximamente trabalhada, preenchida com pedra calcária e mármore. A pedra mármore tem a data 1829 em numeração romana, envolta em folhas de oliveira e encimada por um coração trespassado. No interior as três salas, viradas para a fachada principal, estavam dispostas numa *enfilade*. Duas destas salas foram posteriormente alteradas, no século XX, para aumentar a área da sala de baile. Os relatos familiares descrevem que na casa de João Carlos Scholtz havia a Sala Azul, a Sala Rosa e a Sala Verde. No interior sobreviveram guarnições de portas e outros detalhes do princípio do século XIX. Este edifício tem uma torre, com vista para o mar, e reúne todas as características da denominada arquitetura da laranja.

<sup>21</sup> Chegou a Ponta Delgada, no dia 19 de abril de 1814, vindo de Londres. Trata-se de um *student lamp*, traduzindo diretamente do inglês, que é um candeeiro para óleo vegetal, com uma base e uma haste com pega no topo; pela haste movimentava-se verticalmente um travão, com reservatório para combustível, de um lado, e o queimador com quebra-luz, do outro. Tem origem na lâmpada aperfeiçoada, em 1784, pelo farmacêutico francês Antoine-Aroult Quinquet. Ricardo Manuel Madruga da Costa, *Os Açores em finais do regime de capitania geral, 1800-1820*, Tese de doutoramento em História, 3 vols., Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 2003 p. 367.

<sup>22</sup> Na ilha Terceira há registo de terem chegado 6 dúzias de candeeiros para José de Almeida e Silva. Foram embarcados na cidade francesa Havre de Grace e chegaram, no dia 11 de fevereiro de 1820, à cidade de Angra do Heroísmo (Ricardo Manuel Madruga da Costa, *Os Açores em finais do regime de capitania geral, 1800-1820*, Tese de doutoramento em História, 3 vols., Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 2003 p. 94).

<sup>23</sup> Estes motivos ao gosto grego aparecem também na decoração de interiores, no mobiliário e em serviços de mesa, como os da manufatura Wedgwood por exemplo, entre outras peças.

<sup>24</sup> Rui Jorge Garcia Ramos, *A Casa – Arquitectura e Projecto Doméstico na Primeira Metade do Século XX Português*, Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2010, pp. 78/79.



tura, a ser explorados de forma inovadora, enquanto o desenho arquitetónico tem claras influências classicistas. No entanto, todos estes elementos foram sabiamente integrados com o clima, com a paisagem, com a arquitetura vernacular micaelense e com

o recurso aos materiais então disponíveis. Foi esta magistral confluência entre culturas que permitiu a introdução destes novos conceitos em Portugal, posteriormente desenvolvidos em inúmeras soluções durante o século XIX.

#### Bibliografia

- Albergaria, Isabel Soares de, *Quintas, Jardins e Parques da Ilha de São Miguel, 1785-1885*, Lisboa, Quetzal Editores, 2000.
- Albuquerque, Luís da Silva Mouzinho de; Menezes, Inácio Pita de Castro, *Observações sobre a Ilha de S. Miguel: recolhidas pela comissão enviada a mesma ilha em Agosto de 1825, e regressada em Outubro de mesmo anno*, Lisboa, Impressão Regia, 1826.
- Barret, Briant, *Relato da Minha Viagem aos Açores 1812-1814* Ponta Delgada: Letras Lavadas, 2017.
- Bullar, Joseph; Bullar, Henry, *A Winter in the Azores; and Summer at the baths of the Furnas*, Londres, John Van Voorst, Paternoster Row, 1841.
- Costa, Ricardo Manuel Madruga da, *Os Açores em finais do regime de capitania geral, 1800-1820*, Tese de doutoramento em História, 3 vols., Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 2003.
- Gil, Júlio, *Os mais belos palácios de Portugal*, Lisboa, Verbo, 1996.
- Girardin, René Louis de, *De la composition des paysages, ou, Des moyens d'embellir la Nature autour des Habitations, en joignant l'agréable à l'utile*, Paris, Pierre-Méri Delaguette, 1777.
- Gunderson, Mary, *Southern Plantation Cooking*, Mankato Minnesota, Blue Earth Books, 2000.
- Machado, Margarida Vaz do Rego, *Clube Micaelense – 150 Anos de História*, Ponta Delgada, Clube Micaelense, 2007.
- Maia, Martim Machado de Faria e, "Onze semanas na Ilha Terceira (15 de Janeiro a 9 de Abril de 1836)", *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, Número 16, Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira, 1959.
- Miranda, Sacuntala de, *O Ciclo da Laranja e os "gentleman farmers" da Ilha de S. Miguel (1780-1880)*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1989.
- Mota, António Augusto Riley da, "Das Colónias Estrangeiras em São Miguel nos séculos XIX e XX Casamentos – Baptizados – Óbitos", *Insulana*, Volume XV, 1.º Semestre, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1959.
- \_\_\_\_\_, "Uma Família Inglesa: Os Read", *Insulana*, Separata do Volume XII, 2.º Semestre, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1956.
- Mosser, Monique; Teysot, Georges, *The history of garden design: the Western tradition from the Renaissance to the present day*, Londres, Thames and Hudson, 1991.
- Pereira, António Nunes, "Traços do Romantismo Inglês na Serra de Sintra: A Quinta de Monserrate", in *Monserrate Revisitado A Coleção Cook em Portugal*, Lisboa, Caleidoscópio, 2017.
- Pizzoni, Filippo; Landry, Judith, *The garden: a history in landscape and art*, Londres, Aurum Press, 1997.
- Ramos, Rui Jorge Garcia, *A Casa – Arquitectura e Projecto Doméstico na Primeira Metade do Século XX Português*, Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2010.
- Rodrigues, Henrique de Aguiar Oliveira, *Thomas Hickling: Subsídios para uma biografia*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2010.
- Rodrigues, José Damião, *São Miguel no século XVIII: casas, elites e poder*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2003.
- Rogers, Elizabeth Barlow, *Landscape design: a cultural and architectural history*, New York, Harry N. Abrams, 2001.
- Rousseau, Jean-Jacques, *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes*, Amsterdão, Marc-Michel Rey, 1755.
- \_\_\_\_\_, *Julie, ou la Nouvelle Héloïse*, Amsterdão, Marc-Michel Rey, 1761.
- Silva, Francisco Borges da, "Notas e estatística da ilha de São Miguel – Pelo Engenheiro Francisco Borges da Silva nos princípios do século XIX", *Revista Micaelense*, Ano 3.º, Número 1, maio, Ponta Delgada, Ayres Jacome Corrêa, 1920.
- Stoop, Anne de, *Quintas e Palácios nos Arredores de Lisboa*, Barcelos, Civilização Editores, 1986.
- Supico, Francisco Maria, *Escavações*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1995.
- Tavares, Padre João José, *A Vila da Lagoa e o seu Concelho (subsídios para a sua história)*, Ponta Delgada, Tipografia Artes Gráficas, 1944.

#### Fontes Manuscritas

- Alfândega de Ponta Delgada, "Lealdamento dos privilegiados" [Manuscrito]. Ano 1804 a 1818, F. 121. Acessível na Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada, Ponta Delgada, Portugal. 1246, Dep. 1, 88/1.
- Tribunal Judicial da Comarca de Ponta Delgada, "Autuação de Petição para a reunião do Conselho de Família, para o encabeçamento de uma propriedade de Casas e Quinta citos na Arquinha, ou venda dela em hasta pública que são suplicantes Luís Francisco Serpa e sua Mulher Dona Augusta Scholtz, e outros herdeiros de Dona Maria Rosa Scholtz" [Manuscrito]. Ano 1843. Acessível na Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada, Ponta Delgada. Maço 57 Processo 2397.
- \_\_\_\_\_, "Inventário de Carlos Scholtz" [Manuscrito]. Inventários obrigatórios (orfanológicos) Ano 1866. Acessível na Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada, Ponta Delgada, Portugal. Maço 103 Processo 4641.